

O RETIRANTE

ORGAM DAS VICTIMAS DA SECCA.

PUBLICAÇÕES PARTICULARES: 80 RS. POR LINHA

PUBLICA-SE SEMANALMENTE.

PREÇO DA ASSIGNATURA: 18000 MENSUAES.

Anno I.

Fortaleza — Quarta-feira, 23 de Janeiro de 1878.

N. 31

O RETIRANTE.

FORTALEZA, 23 DE JANEIRO DE 1878.

O commercio do Ceará e o governo.

II

O principal dever dos governos é promover a felicidade dos povos.

A razão de ser da administração d'um estado cessaria desde o momento que se não vizessem os nobres instinctos de felicitar o povo.

Seja qual fôr o regimen governamental d'um paiz, a missão primordial do governo, o seu dever imprescriptivel é, por meio de medidas sabias e civilisadoras, conduzir os seus governados á communhão dos povos avançados.

Desde que as cadeiras dos ministros servem de egide ao vicio e ao crime; desde que a administração se converte em veniaga podre, em especulação de politica partidaria; desde que o cidadão dotado de qualidades nobres e austeras, capaz de compenetrar-se da missão de governar, é votado ao ostracismo, ou seja para saciar ambições egoisticas, ou seja para satisfazer caprichos mesquinhos; mal vae a ná do estado, e em tal caso melhor é deixar o povo entregue aos seus proprios recursos.

No nosso paiz, onde a acção governativa, de ordinario, tem mais por movel o interesse individual do que o bem do povo, a civilização jaz para ahí acorrentada ao carro do anachronismo. Nenhuma medida util, nenhuma industria protegida!

O commercio, essa poderosa alavanca do progresso, é, sobre tudo, condemnado ao abandono.

Segundo Ferreira Borges, o commercio é coevo com a civilização. Os governos, que merecem este nome, nunca perderão de vista fomental-o, animal-o e protegê-lo:—a sua grande maxima reduz-se a remover-lhe os estorvos: os seus inimigos são os *privilegios, os monopolios, os contrabandos*.

Se fosse entendida e observada a luminosa doutrina do sabio escriptor portuguez, os nossos governos teriam cumprido uma grande parte da missão civilisadora que lhes é confiada.

Mas o que vemos? Será, por ventura, unicamente o indifferentismo dos homens d'estado do nosso paiz que opprime o nosso commercio?

Como, se o commercio se acha envolto n'aquelle nevoeiro espesso, de que nos fala o autor citado,—privilegios, monopolios e contrabandos? se a sua espelhação reside nos altos depositarios do poder?

Se o bem publico é a condição essencial da existencia da administração, temos como consequencia necessaria que o zelo e cuidados d'essa administração deve subir, á medida que augmentam as necessidades do povo, e muito mais quando um periodo calamitoso lhe invade o lar, reduzindo-o a extrema penuria.

Chegou o Ceará a esta tristissima condição!

A colera da natureza expandindo os seus vãos desoladores por sobre este desditoso povo, fal-o passar provações inauditas.

A miseria levanta-se devoradora, de todos os angulos da provincia. O povo, arquejando de fome, transpõe distancias enormes em busca do littoral. Os gados acabam, á falta de alimentação. A agricultura definha e morre a mingua de chuva e de braços. O commercio, circunscripto aos lugares onde o povo se accumula e já reduzido a proporções minimas, recebe dos altos poderes do estado, não a protecção devida, não o indifferentismo simplesmente, o que já seria um beneficio, mas o ultimo golpe destruidor!!

Do governo corrupto e corruptor do Sr. de Cotegipe outra cousa não havia á esperar. Pendia para o occaso o seu periodo de felicidade. Era preciso acelerar o passo no campo da *commandita*. Era preciso aproveitar as ultimas horas de prosperidade em projectos vantajosos. Era preciso não perder o momento favoravel de explorar a miseria que affligia uma provincia. Era preciso estabelecer a *commandita* em maior escala. Era preciso que novas figuras entrassem em scena; d'ahi a escolha *necessaria* do Sr. Aguiar.

Tudo se fez, tudo se conseguiu. E a prova encontramol-a n'um dos órgãos do governo Cotegipe, o *Pedro II* de 17 do corrente, que se exprime n'estes termos:

« O Visconde do Livramento e a *commissão* encarregada pelo governo de remetter generos alimenticios para as provincias do norte, compravam generos em alta escala.

E' incontestavel o grande lucro que d'isto auferia aquella praça, quando devia o governo dirigir-se de preferencia ás fontes productoras, e não á Pernambuco, que actualmente importa taes generos.

Em pagamento feito pelo governo a tal comissão dos generos enviados até 31 do mez passado, eleva-se a somma de réis 1,080:407:000.

Generos despendidos até aquella data 1,199:192:500.

Resta o governo ainda (!!!) 118:785:410» Isto dispensa commentarios.

Ante a poderosa *commandita* o commercio do Ceará exhala o ultimo suspiro!

A opinião publica acha-se revolta; os sarcasmos, como setas ferinas, irrompem de todos os lados contra os homens do governo. Assim era de esperar: o indifferentismo tambem cança.

Mas... uma nova aurora desponta fulgurante para o Ceará.

O regio senhor d'estes povos *houve por bem pôr por terra* os delapidadores, os sugadores do sangue do povo.

Os Cotegipes foram apeados do poder, e com elles, necessariamente, o seu delegado n'esta provincia.

Triste memoria deixa aos cearenses o Sr. Aguiar. A sua administração marca para a provincia uma epocha de dupla destruição—a secca devastadora levada ao cume, a delapidação desenfreada dos recursos destinados aos famintos pelos proprios homens do poder, pelo proprio administrador, convertido em *socio commanditario* de uma associação immoral, constituida em Pernambuco.

Quando a historia tiver a palavra sobre a nefasta administração do *nobre* conselheiro, o nome de S. Exc. será esculpido em letras indeleveis. Nos factos da provincia será traçado em caracteres inextinguiveis este pequeno periodo em que um administrador corrupto, um delapidador sem nome, *escolhido* para salvar a situação afflictiva d'uma parte importante do imperio, causou mal mil vezes maior ao povo e aos cofres publicos do que a longa vida esbanjadora do seu predecessor.

Novos homens são chamados á dirigir os destinos do paiz. Não conhecemos as suas intenções; podemos apenas alimentar esperanças.

Esperemos, pois, com os olhos fitos no céu.

Entretanto, parabens á provincia, parabens ao commercio, pois, cessou uma das terriveis calamidades que nos tem opprimido—o governo Cotegipe e o seu delegado n'esta provincia, cuja existencia está por momentos.

NOTICIARIO.

Visita imperial.—Por cartas recebidas da corte, consta-nos que S. M. o Imperador está se preparando para vir até nossa provincia, fazendo escala pela Parahyba.

A viagem será realisada brevemente, vindo o augusto visitante no transporte *Madeira*.

Elle que venha.

Escandalo! Immoralidade!

O Sr. Aguiar vem de praticar um acto que, por sua natureza, só pôde ser assim qualificado.

A commissão de soccorros da Imperatriz, segundo somos informados, emittio na circulação alguns vales assignados pelo Rvd. padre Antero, na importancia de 7 a 8 contos de réis, e S. Exc. calcando a pés a dignidade de homem de bem e fiel zellador dos dinheiros publicos, acaba de mandar indemnisa-la, ficando aquelles vales na secretaria do governo, quando deviam ser enviados á thesouraria de fazenda, unica competente para julgar da validade de semelhantes documentos.

Outro acto, não menos escandaloso, consta-nos tambem que praticou S. Exc., mandando pagar a certo juiz de direito o saldo de uma conta de vinte e tantos contos de réis, por elle apresentada, antes de ser os documentos conferidos pela thesouraria de fazenda.

Dizem que taes documentos são duvidosos, e sobre elles o empregado incumbido de conferil-os acaba de dirigir ao governo uma minuciosa representação.

E' assim que o Sr. Aguiar está se despedindo da cadeira presidencial que, desgracadamente, ainda occupa n'esta provincia!

O vapor Conde d'Eu.—No dia 3 do corrente seguiu para Frexeiras, Munda-há, Acaracú e Granja, carregado de generos, o vapor *Conde d'Eu*, o qual devia n'estes lugares receber emigrantes, e conduzi-los ao Maranhão.

Segundo somos informados foi fretado pelo governo, vencendo 200000 diarios. Já lá se vão 20 dias (4.000000) e nada de regressar!

Quando julgavamos que elle houvesse naufragado, eis que somos sabedores de se achar ainda ancorado no Maranhão, tendo de voltar com dois mil e tantos volumes do carregamento que levou d'aqui, por não poder effectuar o desembarque n'aquelles portos.

No entanto ainda no dia 17 seguiu tambem para as mesmas procedencias, carregado de viveres, o vapor *Maranhão*.

E é autorisando estes e outros esbanjamentos que o Sr. Aguiar intitula-se de economisador!

Thesouraria provincial.—Por portaria da presidencia de 21 do corrente foi nomeado indevidamente para o cargo de thesoureiro da thesouraria provincial o felizardo tenente Felipe de Araujo Sam-paio.

Com esta nomeação ficam vagos os lu-

gares de engenheiro e commissario da sec-a, que eram occupados pelo feliz tenente, uma vez que elles sejam incompativeis com aquelle cargo.

Que fim terão os pobres cofres provinciaes com semelhante thesoureiro?

Se o Sr. Aguiar tivesse lido a representação dada contra S. S. pelo escripturario de fazenda Ignacio Ferreira Gomes, por certo não teria assignado tão affrontosa portaria.

Deus queira que os cofres não se convertam em taboas.

Gratificação.—Ao commissario do 2.º districto Joaquim Domingues da Silva consta-nos que foi arbitrada, pela presidencia, a gratificação mensal de 100000.

Por este acto de S. Exc. vê-se que os demais commissarios são tambem remunerados; pois não é possível que semelhante precedente fosse aberto unicamente para o Sr. Joaquim Domingues.

Rebocados.—Para o Aracaty foram á reboque do vapor *Jerome* dous navios carregados de farinha a granel.

Quanto custará ao thesouro essa brincadeira do Sr. Aguiar?

Não seria mais economico que S. Exc. tivesse dado ordem aos seus socios de Pernambuco para expedirem esses navios d'aquelle porto em direitura ao Aracaty, Acaracú ou outro qualquer porto da provincia?

Para que este *luxo* de virem os navios ou vapores carregados de viveres á este porto receber ordens do feliz socio dos *Cotegipes* do sul?

Pobre thesouro...

Felizes Cotegipes...

Commissão de engenheiros.—Acham-se n'esta capital, vindos da corte, seis engenheiros que vieram em commissão á esta provincia estudar o modo mais facil de neutralisar os terribes effeitos da presente e das futuras secas.

Cada um d'estes illustres felizardos está chupando por mez a pequena somma de 1.000000, áfora as *despezas* que ninguem sabe em quanto montarão.

Nada tem feito, e nada poderão fazer que resulte em beneficio dos infelizes que habitam n'esta provincia; mas em compensação á isto já nomearam um escrevente, que nada tem á escrever, com o ordenado de 45000 por mez.

Espancamento barbaro.—Segundo noticiaram alguns jornaes d'esta capital, um soldado do destacamento de Arnonches espancou barbaramente ao infeliz Francisco Vieira da Silva, que foi conduzido para a Santa Casa de Misericordia, onde se acha em perigo de vida.

Hontem era o capitão Procopio—martyrisando; hoje é uma praça de seu destacamento—espancando!

E a policia do Sr. Nogueira continúa indolente!

Dr. Depaul.—Para assistir ao proximo parto da Princeza Imperial veio da Europa este illustre medico, que tem de tirar dos cofres publicos algumas dezenas de contos de réis em paga do primeiro banho que vai dar no futuro *queludo*.

Quanta falta de apreço á illustre corpo-

ração medica brasileira, e quanta insignificancia de vergonha e dignidade nos medicos chamados do paço...

Contrabando.—Em Sergipe foi apprehendido um grande contrabando de farinha, a bordo do vapor *Cururipe*, da companhia pernambucana.

Dizem que aquelle carregamento era enviado á commandita estabelecida em Pernambuco, sob a firma—Livramento, Aguiar & C.ª

Avante, especuladores! Em quanto venta agua na vela.

Aracaty.—D'esta cidade nos communicam o seguinte:

« *Maria Rosa da Conceição*—é o nome de uma orphã, de 15 annos de idade, filha da viuva Bonifacia Maria da Conceição, natural das Lavras, que, forçadas pela fome, vieram em peregrinação, cobertas de andrajos e crestadas pelo ardente sol, até esta cidade em procura da esmola do governo.

Pelas 7 horas da manhã do dia 28 do passado essas duas infelizes retirantes se dirigiram á um cercado velho a vista d'esta cidade, em procura de lenha. Quando amarraram seus feixes foram surprehendidas por um negro, que se achava armado de faca e espingarda, escravo de um abastado proprietario e influencia politica.

Tomada a lenha, imploram essas infelizes que lh'a cedesse, para adquirirem n'esse dia o alimento necessario, e o perverso negro pretendeu dar-lhe, porém por instinctos sensuaes cedeu, procurando então empregar a seducção acariciando a heroica Maria, que conseguiu apoderar-se da espingarda e com ella defender-se da brutal aggressão.

Apparecendo algumas pessoas em soccorro de Maria, esta sacode para um lado a espingarda, e ao retirar-se é pelas costas ferida mortalmente com o tiro que lhe desfecha traiçoeiramente esse negro assassino.

Maria, agonisante e banhada em sangue, é conduzida para uma chaupana, em quanto o impavido malvado segue caminho seguro para casa de seu senhor!

Uma bala e diversos carcos de chumbo se acharam no dorso e costella da infeliz, que só depois de 24 horas foi levada em uma rede para a casa do Dr. Pacheco, que apenas se contentou em olhal-a com mãos olhos, ordenando que a conduzissem para as barracas!

Que caridoso medico!

Que patriotismo!

E para tanto cynismo paga o governo 100000 diarios para se receitar sem se ver os doentes, e se curar ao ar livre nas ruas e calçadas!

Nenhum commissario procurou ver e soccorrer a heroica Maria!

A justiça e a policia se tornaram indifferentes!

O intenso pavor que tem amortecido todos os sentimentos da população desvalida d'esta cidade, despertou de seu lethargico indifferentismo e brada pela punição do criminoso.

O Dr. promotor publico se mostrou contrariado, não pela sorte da victima, mas pelo receio do cumprimento de seus deveres, contra um amigo poderoso!

Um vasto plano de extermínio peza sobre os infelizes retirantes d'esta cidade.

Estamos certos que tudo se envidará para a impunidade d'esse horroroso attentado.

Havemos, porém, de pôr tudo a limpo em prol da innocente Maria, que se tornou uma heroína em defesa de sua honra, cahindo victima do trabuco aristocratico.

Os bons são ordinariamente desgraçados, e os maos sempre mimosos da fortuna.

A infeliz Maria extorce-se pelas agonias do soffrimento da bala e prestes a expirar em completo abandono, ao lado de sua deventurada mãe inaniada de fome!

O perverso assassino, affrontando a moral publica na cozinha de seu senhor, que, calmo e tranquillo, cobrirá a balança da justiça com o véo politico!

Oh miseria! oh vergonha!

Levantaremos esse véo com a sagacidade de Tiberio, arrancando a mascara d'esses Satyros, protectores do crime e algozes dos infelizes retirantes.»

CORRESPONDENCIA.

Aracaty, 14 de Janeiro de 1878.

E' bem triste o estado actual d'esta oulra esperançosa cidade, hoje invadida por um avultadissimo numero de retirantes, que fugiando em falta de recursos de longinquos sentões, veem para aqui em torbidos procurando abrigo.

E' bem doloroso ver o estado d'estas caravanas, que de momento á momento aqui entram, perseguidas pelo infortunio, (que em lugar de corpos vivos depara-se com cadaveres nus e já vacillantes) dirigindo-se á commissão d'aqui, onde, em lugar de commiserção, encontram gritos e até mesmo pancadas.

E ainda torna-se mais triste vel-os voltarem d'ella banhados em lagrimas implorando a caridade particular, em razão de lhes ser negada a esmola do governo; tendo para isto bastante razão os membros da commissão, visto ter um avultadissimo numero de empregados, que, semelhantes a verdadeiros abutres, devoram um pequeno cadaver magro e podre que é os mesquinhos generos para aqui mandados pelo governo de S. M. Imperial.

Consta-me que os empregados d'esta commissão estão bem gordos, ou cevados pelos farellos sobrados a noite dos salarios dos retirantes aqui em serviço. Acho ser real, quando ha poucos dias deu-se o seguinte:—Um dos empregados d'esta commissão, o secretario, o Sr. Antonio do Lucio, mandou vender ao Sr. Martiniano, pessoa fidedigna e residente n'esta cidade, porção de litros de arroz, como certifico com as seguintes testemunhas:

1.º Francisco Pinheiro da Costa Filho, residente n'esta cidade, diz:—que indo em casa de Martiniano, pessoa d'elle conhecida, medir uma porção de farinha, junto com Manoel Felix da Cruz e Antonio Gomes Paulino, também d'elles conhecidos, per-

guntou ao mesmo Martiniano o que tinha n'aquelles quatro saccos que alli achavam-se presentes; ao que elle respondeu ser uma boa porção de arroz que tinha sido furtado da commissão, sendo vendido a elle a mandado de Antonio do Lucio, dizendo este, que era para o chá.

A 2.ª testemunha, o Sr. Manoel Felix da Cruz, morador em S. João, diz:—que indo em casa de Martiniano em companhia de Francisco Pinheiro, ouviu Martiniano dizer que o arroz contido n'aquelles 4 saccos tinha sido furtado da commissão, sendo-lhe o litro vendido a 200 réis. E disse mais que o mesmo arroz a elle tinha sido vendido por um rapaz da commissão a mandado do empregado o Sr. Antonio do Lucio; ao que o mesmo Manoel Felix acrescentou:—«Se eu estivesse aqui e dispozesse de dinheiro, também compraria furtado, porque comprava mais barato.»

A 3.ª testemunha, o Sr. Antonio Gomes Paulino, morador em S. João, diz ser real tudo quanto Manoel Felix da Cruz e Francisco Pinheiro ha dito, pois achava-se também n'aquella occasião em casa do Sr. Martiniano.

E d'esta forma vão se dando sempre factos identicos e causando n'esta humilde população um verdadeiro espirito de censura, porém a nada elles se curvam e cada vez trabalham com mais actividade em praticarem factos propriamente ditos, contra a lei e a moral.

Consta-me mais, que já deve ter sido apresentado á thesouraria geral um saque de 1:100.000 réis a favor de um individuo (que dizem ser intruso na commissão) em razão de ter elle fornecido á mesma uma porção de roupa dada para elle coser, sendo a propria roupa cosida pelas pobres retirantes pela mesquinha quantia de 80 réis a peça, passando logo depois a commissão pelo modico preço de 320; assim o diz a voz publica. Para isto chamamos a attenção de S. Ex.º o Sr. Aguiar, e sobre este facto concluo dizendo:—voz do povo, voz de Deus.

Este individuo é um d'esses verdadeiros espadaochins a quem todo mundo receia e certos membros da commissão se curvam e temem a sua garganta de hyena, e quer nas rodas, nas calçadas ou praças publicas insulta ao pobre povo retirante, assim como qualquer pessoa que censura aos degradantes d'esta commissão sem sentimentos de verdadeira caridade.

O membro suizo e Chiquinha, como diz elle, são bem activos pelas calçadas, isto é, em andarem com ligeiros passos, porém no proprio momento que entram em suas casas batem a porta tão enfurecidamente, quando encontram um retirante, que o estampido causado assemelha-se ao de um canhão; e depois ao seu *bon gout* descaçam em suas rédes, em quanto os filhos da miseria morrem de fome em suas proprias portas.

Se os Srs. da commissão de soccorros do Aracaty se encommodam com os retirantes, peçam as suas exonerações, que o Sr. conselheiro Aguiar não fará a minima reflexão em dal-as, e se este conselho tão prudente não quizerem tomar, tenham pa-

ciencia para puderem assim ganhar o reino do céu.

Au revoir.

ULTIMA HORA.—Acaba de ser nomeado membro da commissão do Aracaty um sobrinho do celebre Pirão, o Sr. Manoel Monteiro da Silva Pirão, de quem os retirantes já estão receiosos; porém Deus queira que este seja o antidoto do seu celeberrimo tio.

Malacaba.

A PEDIDO.

Selvageria.

No dia 21 do corrente dentro dos muros da fortaleza, foram chicoteados diversos retirantes que ali estavam, e os soldados que applicaram tão barbaro castigo á esses infelizes, declararam n'essa occasião que faziam isso por ordem do presidente da provincia!

Parece incrível que em uma cidade civilisada dê-se um facto d'esta ordem, mas é verdade que elle deu-se, e foi testemunhado por pessoas de todo criterio, cujos nomes poderemos declarar sendo necessario.

Foram, pois, chicoteados dentro dos muros da fortaleza de N. S. d'Assumpção diversos cidadãos brasileiros, que alli estavam esperando por um pedaço de carne e por um litro de farinha podre que o governo lhes manda dar por esmola, sendo depois disto preso um d'estes infelizes, em cujo pescoco foi atada uma enorme balla para conclusão de tão barbaro castigo.

O Sr. presidente da provincia deve estar satisfeito com a fiel execução das suas ordens, e nós vamos pedir a Deus que o faça sahir d'esta terra e que vá morrer onde não fêda.

O reprob Aguiar, perante o reinado de Satan.

SATAN.

Quem és tú, porque vieste Das trevas, ao reino meu? Olha, aqui tudo é sinistro! E o mais sinistro sou eu.

AGUIAR.

Gastei, Senhor, os meus dias; Do crime, nos lodações; A minha historia é mui negra, Negra como as saturnaes. Tem ella folhas nojentas Como as faces macilentas Da prostituta a mais vil; Como o riso da panthêra. Como o gargalhar da fera Enfada no covil.

Fui na vida um renegado,
Adorei a corrupção,
Vendi os brios de homem
No mais infame balcão.
Tornei-me na mocidade,
Da cruel perversidade,
Um fiel adorador.
Atirei-me nas orgias,
Commetti mil villanias,
Do crime não tive horror.

Da sciencia no seu templo,
Por uma infamia eu entrei,
E a minha becca de lente
Ella mesmo eu profanei.
Profanei como um descrido
E com meu rir atrevido
Ah! de tudo escarnei.
Manchei no lodo do crime
O que ha de mais sublime,
A infancia, eu corrompi!!!

Fui juiz venal, corrupto,
Muito innocente soffreu,
O culpado tendo ouro
Tinha sempre o voto meu.
A triste da orphandade
Roubava sem piedade,
Deixava pedindo pão!
E muda era a sciencia,
Eu não tinha consciencia,
Me dominava a ambição.

Tremei, Senhor, ante a historia
A mais negra de meus dias;
É salpicada de sangue,
De mil prantos, d'agonias.
Esta fronte encanecida
Foi vezes tanta homicida
Quantas cans teve ella então.
Tive instinctos só de hyena,
Sobre cadaveres sem pena
Eu dansei como um dragão.

SATAN.

Ente predilecto, amado filho,
És digno de meu reino, és meu irmão,
Relata tua historia gloriosa,
Terás em meu imperio alto brasão.

AGUIAR.

De um povo flagellado
Fui cruel algoz, Senhor;
Quando gemia de fome,
De miseria, frio e dor.
Pelo governo chamado,
Fui eu só o desgraçado
Que acceitou tão vil missão.
Precisavam de um coveiro
Eu fui ser, só por dinheiro,
Me cegou a ambição.

Vi o quadro da desgraça
Representado ante mim;
Hesitei, mas este povo
Tinha eu de dar-lhe fim.
Fiz-me surdo aos gemidos
Que sahiam doloridos
Me pedindo compaixão;
A creancinha chorava,
Co' as mãos postas implorava,
Lhe n'ava, rindo, o pão.

Do meu throno nas escadas
Tinha o povo a sepultura,
Nas vascas d'aquellas mortes
Tinha eu minha ventura.
Quantas vezes eu chorava
Quando alguém as arrancava
Das minhas garras de fera,
Quando a velhice esfaimada
Soccorrida e amparada
Pela caridade era.

Tinha pão nos meus celeiros,
De perverso eu o negava;
Tinha lar, vestidos, ouro,
Mas a fome disimava.
Tinha tudo, e tudo era
P'ra minha sanha de fera,
P'ra meu peito de jaguar,
Um insulto ao meu governo,
Que as cidades em ermo
Tinha eu que transformar.

Matei, matei sem remorsos,
Matei a mingua de pão.
Atirei nús ao relento,
Sem d'elles ter compaixão.
Chorava a triste donzella,
Quasi núa, a fronte bella;
Para cobrir-lhe a nudez,
Pedia por Deus, um trapo,
E se eu a ouvisse, um farrapo,
Negava mesmo, talvez.

Abuzei dos meus poderes,
Tornei-me rude villão;
A custa dos victimados
Cevei a minha ambição.
Trafiquei com as migalhas,
Negociei com as mortalhas,
Tornei-me abutre voraz.
E a populaça entre dores,
Na cruel noite de horrores,
Pedia socego e paz.

E o resto, rezas que ao jugo
Trazia prezas na mão,
Esqueletos ambulantes
Feridos de inanção.
Mesmo rotos, esfaimados,
Foram prezos, arrastados,
Para o seu torrão deixar!
Indo morrer adiante,
Mas do seu lar tão distante,
Triste era o seu chorar.

SATAN.

És das trevas o genio mais portente,
O mais leal que tenho conhecido;
A ti como o mais nobre de meus subditos
Como vice-rei, eu tenho t'escollido.

**Pragas encontradas acommetten-
do a porta do bacharel Julio
Cesar Gomes de Castro, juiz de
direito da comarca de Tambo-
rill, em Santa Quiteria.**

Ente cobarde, refochado infame,
Para que t'inflame o coração traidor,
Vou praguejar com razão teu nome,
Morrerás á fome em louco furor!

Eis o teu fim, miseravel bruto,
Cobrir de luto o teu nome hostile;
A fome, a peste, te persiga sempre,
Que faças trempe (*) com o negro vil.

Quizera eu ser a fera medonha,
Horriavel peçonha de mão cascavel,
Fazer em teu peito cruenta morada,
A morte damnada trazer-te cruel.

Quizera eu ser um rijo tufão,
Deitar-te no chão, fazer-te ao abysmo!
Levar-te ao averno, Plutão se prepara;
Pizar tua cara de negro cynismo!

Se já tu és d'elle amigo fiel,
As gotas de fel dezejo que tragues;
Dezejo que as pestes teu corpo persiga
E que em fadiga, em trevas amargues!

Que Deus o permite, já tenho sciencia,
Por que a prudencia me faz convenser
Que aquelle que soffre com calma a traição
Terá o perdão de quem deu-lhe o ser!

E tu, oh! maldito, que paga terás?!
Ter por Satanaz amigos na morte?!
Na vida flagellos, tormentos e dores,
Cruentos rigores! — Eis pois tua sorte!!

AO GOVERNO.

Desgraçada, mil vezes desgraçada, é a
sorte dos infelizes retirantes!

Não sendo bastante o terrivel flagello
da secca, estamos aqui sem garantias de
vida.

Não é somente de fome que se morre
n'esta infeliz povoação, é tambem de balla
e chumbo pelas mãos dos sicarios!

Doze a quatorze pessoas já foram aqui
victimas do bacamarte homicida, e algu-
mas d'ellas, quem sabe, enterradas ainda
vivas, para não descobrir-se o autor ou au-
tores d'esses assassinatos!

Dois cadaveres d'aquelles desgraçados
já foram encontrados; um no cercado do
Sr. José Cunha, e outro no do Sr. Raymun-
do Francisco.

Os faccinoras passeiam impunes e zom-
bando da acção da justiça, que é, ou faz-se
cega para elles.

Para garantir nossa vida pedimos o au-
xilio do governo.

Já que estamos condemnados á morrer
de fome, é justo que, ao menos, estes últi-
mos momentos que nos restam de existen-
cia sejam garantidos pelo governo de S. M.
o Imperador.

Povoação das Areias, em Mossoró, 4 de
Dezembro de 1877.

Os retirantes. (3)

(*) José Punaré e escrivão Herculano.